

SANTANA, J.A., BONATO, G.L. e SILVA, F.O.C. Dente lupino: uma pesquisa realizada com equinos da raça Mangalarga Marchador do Município de Sacramento – MG. **PUBVET**, Londrina, V. 4, N. 15, Ed. 120, Art. 812, 2010.



PUBVET, Publicações em Medicina Veterinária e Zootecnia.

Dente lupino: uma pesquisa realizada com equinos da raça Mangalarga Marchador do Município de Sacramento – MG

SANTANA, J.A., BONATO, G.L., SILVA, F.O.C.

¹ Médica Veterinária, Mestranda em Ciência Animal, Universidade Federal de Minas Gerais.

² Médica Veterinária, Mestranda em Sanidade Animal, Universidade Federal de Uberlândia.

³ Professor adjunto, Universidade Federal de Uberlândia.

Resumo

Existe uma escala evolutiva notavelmente completa nos eqüinos. Durante a evolução, a sua dentição modificou, permanecendo um dente afuncional, chamado dente de lobo ou lupino, o qual não participa da mastigação e gera certo desconforto para o animal. A fim de observar a exteriorização do dente lupino em eqüinos da raça Mangalarga Marchador, foram utilizados sessenta (60) animais, sendo trinta e uma (31) fêmeas e vinte e nove (29) machos do haras Zandonaide, no município de Sacramento, Minas Gerais, além do auxílio de dois funcionários do haras sendo um para abrir a boca do animal com a utilização do cachimbo, e outro para o deslocamento da língua a fim de facilitar a visualização. O referido dente foi encontrado em seis (6) espécimes machos (10%) e três (3) espécimes fêmeas, ambos na arcada superior, sendo bilaterais em dois casos, três laterais direito e quatro laterais esquerdo.

Palavras-chave: *Equus caballus*, mangalarga marchador, dente lupino.

Tooth lupino: a survey with horses of Mangalarga Marchador breed from Sacramento city - MG

Abstract

During the evolution, the equines dentition modified, remaining a without function tooth, called tooth wolf or lupino, which does not participate of the chew and generates certain discomfort for the animal. In order to observe the exteriorization of the lupino tooth in equines of the mangalarga marchador race, had been used sixty (60) animal ones, being thirty and one (31) female and twenty and nine (29) male ones of farm Zandonaide, in the city of Sacramento, Minas Gerais, beyond the aid of two employees of farm being one to open the mouth of the animal with the use of pipe, and another one for the displacement of the language in order to facilitate the visualization. The related tooth was found in six (6) male specimens (10%) and three (3) specimens female, both in the superior arches, being bilateral in two cases, three laterals right and four laterals left.

Keywords: *Equus caballus*, Mangalarga Marchador, lupino tooth.

Introdução

Existe uma escala evolutiva notavelmente completa nos eqüinos, através da descoberta de registros fósseis desta espécie. Foi possível reconstituir toda a sua evolução, fato este que teve grande importância no seu estudo, pois podemos entendê-la, acompanhando as adaptações que foram impostas pela natureza à medida que as dificuldades de sobrevivência foram surgindo.

O aparecimento do cavalo primitivo é da era terciária do período Eoceno (mais ou menos 55 milhões de anos), sendo que o primeiro ancestral a surgir foi o *Hyracotherium*, mamífero de pêlo liso, que vivia nas florestas e se alimentava de tenros brotos de folha. Seus dentes eram próprios para a trituração destes vegetais e possuíam quatro dedos em cada membro anterior e três dedos nos posteriores, de porte pequeno, medindo aproximadamente 25 centímetros (JONES, 1987).

SANTANA, J.A., BONATO, G.L. e SILVA, F.O.C. Dente lupino: uma pesquisa realizada com equinos da raça Mangalarga Marchador do Município de Sacramento – MG. **PUBVET**, Londrina, V. 4, N. 15, Ed. 120, Art. 812, 2010.

Ao longo de milhões de anos de evolução, seu dorso ficou mais reto, seus dedos foram igualmente atrofiando e seu porte aproximadamente o de um cachorro grande; crescendo sempre, através dos tempos, sofrendo várias modificações no formato do crânio, na distribuição dos dentes e no comprimento dos membros (TORRES e JARDIM, 1977).

Este processo continuou durante milhões de anos, chegando ao *Hippanon*, de porte mais elevado, longos membros, que possuía um só dedo central coberto por uma camada córnea chamada casco, sendo um cavalo selvagem e da altura de um pônei (TORRES e JARDIM, 1977).

O Brasil possui o terceiro maior rebanho eqüino do mundo, com 5,9 milhões de cabeças, segundo números da FAO (Food and Agriculture Organization) de 2004, perdendo apenas para México e China. Com tais números, a criação e comercialização de cavalos transformou-se num negócio de muitos, ocupando diretamente mais de 500 mil pessoas no país. O desbravamento de novas áreas produtivas, além do uso como meio de transporte, serviços e lazer, dão importante dimensão econômica à criação de cavalos no Brasil.

Originada na região sul de Minas Gerais, a raça mangalarga marchador recebeu tal nome devido ao Barão de Alfenas–Gabriel Francisco Junqueira, que recebeu do príncipe regente D. João VI, um cavalo da raça Alter. Empregou-o em larga escala em suas éguas crioulas, trazidas pelos colonizadores, na fazenda Campo Alegre, e desde o início de sua seleção, preocupou-se em dotar seus animais de resistência, rusticidade e andamento cômodo. Esses animais selecionados ficaram famosos em toda região de Minas Gerais e dentre vários criadores e compradores. Um dos mais importantes compradores de animais do sul de Minas eram os proprietários de uma fazenda situada em Pati do Alferes (hoje Teresópolis), no estado do Rio de Janeiro – a Fazenda Mangalarga. Assim, quando os senhores iam à corte despertavam enormes interesses tanto pelo garbo de seus ginetes como pela elegância e beleza de seus cavalos, e quando alguém quisesse adquirir um cavalo de sela, ia ao sul

SANTANA, J.A., BONATO, G.L. e SILVA, F.O.C. Dente lupino: uma pesquisa realizada com equinos da raça Mangalarga Marchador do Município de Sacramento – MG. **PUBVET**, Londrina, V. 4, N. 15, Ed. 120, Art. 812, 2010.

de Minas e pedia: “Quero um Mangalarga”, ou seja, um cavalo como os da fazenda Mangalarga (TORRES e JARDIM, 1977).

Com a finalidade de preservação e melhoramento em bases técnicas desta raça foi fundada em 16 de julho de 1949, a Associação dos Criadores do Cavalo mangalarga marchador, com sede em Belo Horizonte. Está espalhada em todas as direções do território brasileiro, sendo portanto um elemento de verdadeira integração nacional (TORRES e JARDIM, 1977).

Os cavalos da raça Mangalarga Marchador possuem porte médio, musculatura bem proporcionada, temperamento ativo e dócil, ancas simétricas, salientes e musculosas, garupa de altura não superior à da cernelha, harmoniosamente inserida à região lombar, longa e tanto quanto possível horizontal. Andamento de marcha avante, batida ou picada. Devido ao andamento cômodo, é excelente para passeio, como cavalo de lazer, além de sua utilização em serviços de fazenda (TORRES e JARDIM, 1977).

Durante a evolução dos eqüinos, a sua dentição modificou, permanecendo um dente afuncional, chamado dente de lobo, que é o primeiro dente pré-molar (CORTI, 1998). Este dente está presente na maioria dos cavalos, tanto em machos como em fêmeas e pode causar diversos desconfortos até culminar em graves danos à saúde do animal (ORTEGA, J.F.; SILVA, F.O.C).

Devido à grande difusão da Raça Mangalarga Marchador e a importância do tema, neste trabalho pretende-se verificar a exteriorização dos dentes lupinos (dentes de lobo) dos eqüinos desta raça, que passou por tantos processos de seleção.

Material e Métodos

Para a realização desta pesquisa, utilizou-se 60 eqüinos da Raça Mangalarga Marchador, sendo 29 machos e 31 fêmeas. Os animais foram estudados no local, haras Zandonaide, no município de Sacramento, Minas Gerais.

Foi realizada contenção física dos eqüinos a fim de verificar a exteriorização do dente lupino. Para isso, foram necessários dois funcionários do haras, um para abrir a boca dos animais com a utilização do cachimbo, e o outro para deslocar a língua destes, possibilitando-nos observar a presença e localização do dente lupino.

Os dados, a respeito de cada exemplar, foram registrados paralelamente à exteriorização, em tabelas e gráficos, onde demonstrou-se as incidências e localizações do dente lupino. Foram confeccionadas fotografias dos exemplares que mais se destacaram na comprovação dos resultados encontrados.

Como tratamento estatístico, utilizou-se o teste de Qui-quadrado, com nível de significância de 5%.

Resultados e Discussão

Constatou-se que o dente lupino ocorreu em 9 eqüinos (15%), sendo 6 (10%) nos machos e 3 (5%) nas fêmeas.

A exteriorização do dente lupino ocorreu bilateralmente em dois casos (3.33%), três laterais direito (5%) e quatro laterais esquerdo (6.66%).

Em todos os casos, o dente lupino apareceu na arcada superior.

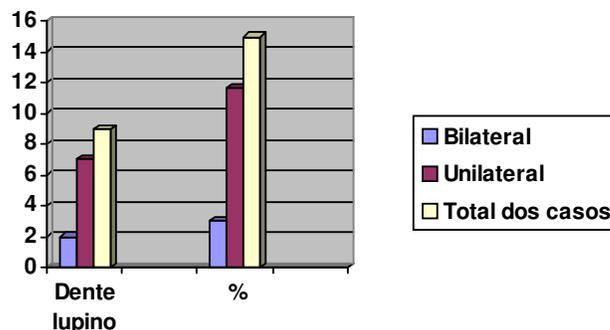


Gráfico 1 –Representação gráfica da distribuição percentual do dente lupino em eqüinos da raça Mangalarga Marchador, caracterizando sua lateralidade, Sacramento – MG, 2006

A bibliografia consultada é escassa, tratando de forma superficial sobre o tema. Portanto, os dados estatísticos obtidos são, em sua maioria, comparados à pesquisa realizada por BAKER (2000).

Referente à exteriorização do dente lupino em eqüinos, alguns autores divergem sobre a sua incidência nestes animais. Segundo BAKER (2000), somente em 20% da dentição superior dos puros sangue aparecem os dentes de lobo. De uma forma geral, e sem especificar a raça, EASLEY (2004) afirma que a incidência dos dentes lupinos superiores em cavalos com um a dois anos de idade é de 80 a 90%, enquanto que para LIYOU (2005) é de 70%. No estudo realizado por SILVA e *colaboradores* (1992), 18,27% dos eqüinos desenvolveram dente lupino. A ocorrência verificada nesse estudo foi de 15%.

Apesar de alguns autores, como EASLEY (2004) e LIYOU (2005), citarem que o dente lupino também pode aparecer na mandíbula (arcada dentária inferior), todos os eqüinos analisados nesta pesquisa possuíam o dente lupino localizado na arcada dentária superior, em concordância com SILVA e *colaboradores* (1992).

Corroborando com as afirmações de SILVA e *colaboradores* (1992), EASLEY (2004) e LIYOU (2005), pode-se verificar a exteriorização do dente lupino bilateral e unilateralmente.

Conclusões

O dente lupino ocorre em 15% dos animais da raça mangalarga marchador;
A exteriorização do dente lupino ocorreu bilateralmente em (3.33%), e unilateralmente em (11.66%);
Em todos os casos, o dente lupino apareceu na arcada superior.

SANTANA, J.A., BONATO, G.L. e SILVA, F.O.C. Dente lupino: uma pesquisa realizada com equinos da raça Mangalarga Marchador do Município de Sacramento – MG. **PUBVET**, Londrina, V. 4, N. 15, Ed. 120, Art. 812, 2010.



Foto: Jordana Almeida Santana

Fotografia 1 – dente lupino (DL), caracterizando a sua exteriorização unilateral num eqüino da raça Mangalarga Marchador, Haras Zandonaide, Sacramento_MG.

Referências

- BAKER, G.F. Enfermidade gastrointestinal. In: REED, S.M.; BAYLY, W. **Manual de medicina interna eqüina**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.p.519.
- BAKER, G.J. Odontologia nos grandes animais. In: **Manual merck de veterinária**. [editor Susan E. Aiello]. 8.ed. São Paulo: Roca, 2001.p.111.
- CARNEIRO, A.A. Odontologia eqüina. In: Dicas de criação. Brasília, 2004. Disponível em <[http:// www.tgs.com.br/dicas/index.asp](http://www.tgs.com.br/dicas/index.asp)>.
- CLAIR, L.E. St. Dentes In: GETTY, R. **Sisson/ Grossman. anatomia dos animais domésticos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.v.1.p.434.
- CORTI, F. Dentição. In: **Cavalos. Saiba como comprar e tratar**. Guaíba: Agropecuária, 1998. p.55.
- CUNHA, L.H.; SILVA, F.O.C. **Exteriorização do dente lupino em eqüinos da raça campolina**. Brasília: UNIPLAC/ União Educacional do Planalto Central, 2005. 19p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária).
- ORTEGA, J.F.; SILVA, F.O.C. **Exteriorização do dente lupino em eqüinos da raça puro-sangue-inglês**. Uberlândia: UFU/ Universidade Federal de Uberlândia, 2006.15p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária).
- DIXON, P.M.; DRACE, I. A review of equine dental disorders. **Veterinary journal**. V.169, n.2, Mar, 2005. p. 165-187.
- JONES, W.E. História eqüina antiga. In: **Genética e criação de cavalos**. São Paulo: Roca, 1987. p.4-19.
- KNOTTENBELT, D.C.; PASCOE, R.R. **Afecções e distúrbios do cavalo**. São Paulo: Manole, 1998. p.13.

SANTANA, J.A., BONATO, G.L. e SILVA, F.O.C. Dente lupino: uma pesquisa realizada com equinos da raça Mangalarga Marchador do Município de Sacramento – MG. **PUBVET**, Londrina, V. 4, N. 15, Ed. 120, Art. 812, 2010.

TORRES, A.P.; JARDIM, W.R. Mangalarga Marchador. In: **Criação do cavalo e de outros eqüinos**. 2.ed. São Paulo: Nobel, 1977.p.239-240.

UHLINGER, C.A. Distúrbios da cavidade oral. In: SMITH, B.P. **Tratado de medicina interna de grandes animais**. São Paulo: Manole, 1993.v.1. p.635.